

# A PASSAGEM DO MUNDO RURAL AO MUNDO URBANO NAS OBRAS LITERÁRIAS *BANGÜÊ* E *ANGÚSTIA*

Massimo Pinna

Nos anos 30, a intelectualidade brasileira começa uma fase inédita, um período de nova reflexão ideológica, de relevante superação daquilo que representou o fenômeno do Modernismo na sua primeira aparição no ano de 1922, data oficial do seu nascimento, com a *Semana de Arte Moderna*, acontecimento que evidencia a atitude geral dos seus membros, caracterizada por um – pelo menos aparente – certo desinteresse diante da vida contemporânea, enquanto a forma, o estetismo, adquire um papel fundamental e categórico.

Por um lado, com efeito, nesse novo momento histórico-cultural – os anos 30 - percebe-se a ruptura com o seu recente passado, sobretudo devido a uma maturação de pensamento em relação à euforia estetizadora do primeiro Modernismo e uma maior consciência da realidade social, que - note-se - somente se forma através de uma vivência sofrida e dispensa qualquer forma de utilização meramente lúdica da linguagem, como se verá nos romances dessa década. Por outro lado, porém, os autores dos anos 30 mostram-se influenciados pelos precedentes escritores, os quais foram os primeiros a realizarem uma verdadeira liberação/renovação da mesma linguagem, dando a ela uma conotação orientada à oralidade, ao tom coloquial, enfim, a uma peculiaridade lingüística que se manifestará de forma marcante no fenômeno literário denominado na história literária “regionalismo brasileiro”.

Pode-se ver, com efeito, que os primeiros modernistas superaram aquela barreira de divisão entre discurso escrito e discurso oral, misturando níveis estilísticos diferentes e fazendo com que, logo depois, os regionalistas do Nordeste, modernistas da segunda fase, realizassem aquela tensão entre tema rústico e linguagem inculta, que tanto é presente nas obras dos mesmos.

Essa década, e também a seguinte, será lembrada como “a era do romance brasileiro” como afirma Alfredo Bosi na sua *História concisa da*

*Literatura Brasileira*<sup>1</sup>, na qual surgem escritores da grandeza de Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

Na análise que tentamos fazer nesse breve trabalho, gostaríamos de compreender melhor propriamente esses dois últimos autores citados: Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

Extraordinários criadores de uma prosa *sui generis*, tanto Graciliano como Zé Lins, embora sejam entre eles muito diferentes, representam duas manifestações fundamentais do mesmo momento literário: a ficção narrativa dos anos 30.

Sem dúvida, os acontecimentos que marcaram esse período histórico, como a Revolução de 30, a crise do café e a repentina decadência do Nordeste, condicionaram de maneira determinante a produção literária desses escritores, favorecendo neles o surgimento de uma nova visão do mundo, do homem e da própria existência.

Esses autores exprimem-se na forma do romance – assim como muitos outros nessa época -, pois a prosa torna-se a forma que melhor consegue expressar seus sentimentos e idéias, enquanto os protagonistas de suas obras são heróis problemáticos, isto é, personagens inseridos totalmente no tecido social da época na qual vivem e bem diferentes dos heróis que caracterizam a literatura das décadas anteriores.

Pode-se observar que esses romances representam sobretudo a realidade social, rural e regionalista, como acontece na novela<sup>2</sup> agreste de Zé Lins *Bangüê* (1934), ou também se referem a uma dimensão introspectiva e urbana, como em *Angústia* (1936).

Esse último romance é provavelmente a obra ficcional que melhor mostra o pessimismo presente no seu autor, Graciliano Ramos, através do protagonista Luis da Silva, que, elevando-se a símbolo universal, revela a frustração, a desconfiança e a solidão presentes não só nele, mas também no homem do Brasil de uma época repleta de mudanças históricas e sociais.

Começando o nosso *excursus* literário através das obras desses dois autores “nordestinos”, analisemos o romance – ou novela – *Bangüê*.

---

<sup>1</sup> Veja-se obra citada, pág. 388.

<sup>2</sup> Termo com o qual o mesmo Lins do Rego define seus romances numa citação referente a ele presente na introdução a *Bangüê*. 7ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

O protagonista, Carlos de Melo, em um tom essencialmente autobiográfico, conta uma história, a própria, tornando-se ao mesmo tempo narrador e, de conseqüência, sujeito e objeto do seu relato. Vale a pena citar uma consideração de Antonio Candido, se bem tenha se referido a outro escritor: “Com a utilização do narrador fictício fica evitada a situação de dualidade, porque não há diferença de cultura entre quem narra e quem é objeto da narrativa<sup>3</sup>. Com certeza também nesse caso realiza-se o mesmo recurso narrativo.

De fato, o protagonista-narrador parece ser, às vezes, o *alter ego* do próprio Zé Lins, aproximando a obra, embora seja esta ficção declarada, do memorialismo manifesto na sua autobiografia *Meus verdes anos*, publicada em 1956, ano precedente à sua morte.

Porém, em relação aos dois romances escritos antes de *Bangüê - Menino de engenho e Doidinho* -, nesse último a memória ocupe um espaço menor, enquanto temas especificamente rurais e voltados à realidade social – com o Ciclo da cana-de-açúcar – parecem prevalecer no percurso narrativo do escritor.

Carlos de Melo volta para o engenho familiar Santa Rosa, depois de ter conseguido o título de bacharel em Direito, que, como se evidencia ao longo da *diegesis*, não o auxiliará a salvar da falência a propriedade obtida em herança. Ele passa os dias deitado numa rede, lendo e sonhando, na tentativa, que resultará sem êxito, de reconciliar-se com o mundo agreste, do qual, de fato, sente-se irremediavelmente afastado.

Nesse relato aparece o declínio do patriarcado rural e nota-se - de forma ainda mais evidente no final da obra - que as transformações econômicas e sociais do engenho Santa Rosa são determinadas, mais que pela responsabilidade do incompetente e inadequado fazendeiro Carlos de Melo, pela crise generalizada que atravessa o mundo rural do Brasil inteiro.

Na sua atitude passiva e preguiçosa Carlos chega a ter um caso com a esposa de um parente, Maria Alice; todavia não consegue manter essa relação,

---

<sup>3</sup> *A literatura e a formação do homem*. Conferencia pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC, S.Paulo, julho de 1972.

sendo ele incapaz de satisfazer as exigências intelectuais e humanas da amante.

Nesse drama pessoal podemos enxergar uma realidade geral, onde novos valores – o capital econômico - e novas classes sociais – a burguesia urbana - representam os elementos dominantes, e onde a decadência da tradição patriarcal rural dos senhores de engenho é simbolizada pelo doutor Carlos, último herdeiro de um mundo destinado a desaparecer para sempre.

A figura do coronel Zé Paulino, avô de Carlos e pelo qual ele sente uma profunda admiração, nas palavras do protagonista-narrador, assume um valor simbólico absoluto; algo, ou melhor, alguém a quem jamais ele poderia se igualar, devido à falta de personalidade, de fé e de determinação.

Depois de ter perdido a amante Maria Alice – que volta para o marido – e desesperar-se pela morte do seu querido avô, Carlos presencia inerte o fim do engenho Santa Rosa, que é “naturalmente” engolido pela usina, novo instrumento de poder nas mãos do capital burguês: uma nova ordem econômico-social é constituída e o mundo rural da tradição nordestina, com o homem semi-escravo do eito, o trabalhador alugado, o engenho e todos os seus valores, se transforma, definitivamente em passado.

Com certeza, a visão que prevalece nesse romance é a do senhor de engenho: o ponto de vista do autor revela-se através da sua obra, mostrando ao leitor uma espécie de saudade do mundo rural, do qual o mesmo José Lins do Rêgo procedia, sendo filho de fazendeiros.

A sensação que se tem ao longo da leitura de *Bangüê* é que por parte do romancista, quase como fosse um “Proust rusticano”<sup>4</sup>, há uma tentativa de recuperar o próprio passado, numa impossível “busca do tempo perdido”, jamais alcançável no mundo real e que, a partir dessa passagem epocal, existirá somente na ficção literária criada por ele.

Bem diferente é a realidade que encontramos no romance de Graciliano, *Angústia*, a começar pela linguagem que, se em Zé Lins é opulenta, espontânea, torrencial, em Graciliano, ao contrário, resulta sóbria, precisa, essencial; até o diálogo, que nos romances representa uma solução comum

---

<sup>4</sup> Veja-se PICCHIO, Luciana Stegagno – *La letteratura brasiliana*, Firenze, Sansoni, 1972, pág. 528.

bastante explorada, em *Angústia* quase não aparece, deixando mais espaço ao que poderíamos chamar de *monólogo interior*.

O personagem central é – como já foi dito anteriormente<sup>5</sup> - Luis da Silva, trinta e cinco anos, homem tímido, solitário e introvertido, funcionário público de escassos recursos financeiros e também escritor insatisfeito e mal pago, que tenta inutilmente sair da situação de mediocridade, na qual se consome a sua vida.

Como Carlos de Melo, Luis também tem origem rural, só que, ao contrário do primeiro, se estabelece definitivamente na cidade, Maceió. Conseqüentemente, o mundo do campo se torna para ele só uma lembrança, um universo perdido para sempre, onde a figura do tão admirado avô Trajano simboliza a força, a decisão, o poder que Luis jamais conseguirá adquirir.

Como sempre acontece, o estilo, as técnicas narrativas adotadas por um escritor são submissas às suas exigências ideológicas. Também em Graciliano pode-se ver que o estilo da sua narrativa – que em um adjetivo poderíamos definir “seco” - é um espelho da realidade humana na qual se desenvolve o enredo. O mundo em torno dele é mesquinho, miserável, onde até as palavras são poupadas e onde os personagens são de alguma maneira um reflexo da dimensão quase autista na qual vive o seu protagonista, Luis.

De fato, a história que nos conta o narrador-protagonista é um relato sofrido das próprias frustrações, das próprias angústias, que na busca de uma saída não encontrada, se transforma em uma confissão-delírio, na qual Luis cada vez mais aparece como um homem irremediavelmente desesperado, violento, cruel e agressivo.

Seduzido pela sua vizinha, Marina, uma moça atraente que só se interessa por roupas bonitas e romances fúteis, é abandonado pela mesma – após terem ficado noivos - por causa de tal Julião Tavares, homem gordo, reacionário, porém rico e maliciosamente atencioso com Marina, a qual aceita de bom grado a relação amorosa com ele.

Em pouco tempo, depois de ter conquistado Marina, Julião abandona-a, grávida, na sua miséria. Luis começa a fomentar o ódio em si mesmo, através de fantasias obsessivas que tomam na sua mente um espaço cada vez maior:

---

<sup>5</sup> Confronta *supra* pág. 3.

objetos como canos, cordas, arame e também cenas de assassinatos – já vivenciadas na sua infância - tornam real e manifesto o seu latente desejo de matar Julião Tavares.

A característica da encenação (ambiente e personagens miseráveis e lúgubres), o uso das palavras (ásperas, desconfiadas), as técnicas narrativas de *flash-back* (que parecem realizadas como roteiro de um filme<sup>6</sup>), criam de forma magistral uma atmosfera pesada e opressiva, na qual o leitor experimenta uma sensação de angústia, de claustrofobia e da qual sente a necessidade de sair quanto antes.

Antonio Candido nos seus ensaios sobre a obra completa de Graciliano, *Ficção e confissão*, falando de *Angústia*, afirma: “É um livro fuliginoso e opaco. O leitor chega a respirar mal no clima opressivo em que a força criadora do romancista fez medrar o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira – Luis da Silva. Raras vezes encontraremos na nossa literatura estudo tão completo de frustração”<sup>7</sup>.

E de fato vemos, na parte final do romance, que o crime, o assassinio é cometido pelo “tímido” Luis da Silva, que resolve matar Julião Tavares, na ilusão de que, matando-o, também acabar-se-iam todas as frustrações, a solidão e o desespero de uma *angústia* sem fim.

Mesmo sendo dois autores diferentes, pelo estilo adotado, pelas temáticas exploradas, e, sobretudo, pela maneira de enxergar o mundo – característica essa a que mais identifica um autor e seu único e peculiar universo -, Graciliano Ramos e José Lins do Rego se aproximam um do outro através de alguns aspectos de suas narrativas, especificamente a capacidade de mostrar o mundo no qual vivem, tanto nos aspectos sociais quanto econômicos.

É pertinente um artigo de Graciliano, *O fator econômico no romance brasileiro*, que evidencia a importância capital (e do capital) - na formação do romance como obra de arte - de levantar elementos que mostrem e expliquem

---

<sup>6</sup> A esse propósito veja-se FALLEIROS, M. F. - *Graciliano Ramos e a arrumação da história*. Odisséia, Natal - RN, v. 4-5, n. 1, p. 74, 1998.

<sup>7</sup> Obra citada, pág.34.

a base econômica na qual se apóia a história contada pelo seu autor, pois sem ela somente apareceria “nos livros uma pequena humanidade incompleta, humanidade que às vezes sente e pensa, mas é absolutamente desprovida das necessidades essenciais”<sup>8</sup>.

Sem dúvida esse fator é presente tanto, obviamente, em Graciliano como em Zé Lins, os quais fazem questão – durante o decorrer dos dois romances objetos do nosso estudo – de explicar minuciosamente o processo econômico que determina as realidades familiares, sociais e políticas dos seus protagonistas e do mundo presente em torno deles.

No caso específico de *Angústia* e *Bangüê*, aparecem elementos do enredo – a admiração pelo avô, as relações amorosas sem êxito, a consciência da própria inépcia, a frustração, a desconfiança e a solidão, só para exemplificar – que revelam de forma emblemática a atmosfera que se respira nesse delicado momento de transformação, tanto no mundo rural quanto no urbano.

Com certeza também graças a essa duas obras-primas os escritores Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo podem-se colocar entre os maiores representantes do regionalismo nordestino.

## REFERÊNCIAS

### I Obras literárias

RAMOS, Graciliano – *Angústia*. 61ª ed., Rio de Janeiro / São Paulo, Record, 2005.

REGO, José Lins do – *Bangüê*. 7ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

### II Geral

CANDIDO, Antonio – *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

---

<sup>8</sup> RAMOS, Graciliano – *O fator econômico no romance brasileiro*. In *Linhas tortas*. 9ª ed., Rio de Janeiro / São Paulo, Record, 1981 pág. 256.

\_\_\_\_\_. *A literatura e a formação do homem*. In *Ciência e cultura*, 24, Setembro, 1972.

BOSI, Alfredo – *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed., São Paulo, Cultrix, 2006.

FALLEIROS, M. F. - *Graciliano Ramos e a arrumação da história*. Odisséia, Natal - RN, 1998.

PICCHIO, Luciana Stegagno – *La letteratura brasiliana*, Firenze, Sansoni, 1972.

RAMOS, Graciliano – *O fator econômico no romance brasileiro*. In *Linhas tortas*. 9ª ed., Rio de Janeiro / São Paulo, Record, 1981.

**Massimo Pinna** nasceu na Itália e reside em Natal-RN, onde faz doutorado em Literatura Comparada.